

**Visita da delegação da Universidade Católica Portuguesa à Pontifícia  
Universidade Gregoriana – 26 de Outubro de 2017**

**Palavras de saudação do Reitor, P. Nuno da Silva Gonçalves S.J.**

Muitos parabéns pelo aniversário e muito obrigado por terem querido vir visitar a Pontifícia Universidade Gregoriana nesta vossa peregrinação a Roma.

Começo por recordar alguns aspetos da ligação entre a Universidade Católica Portuguesa e a Pontifícia Universidade Gregoriana. Os primeiros quatro reitores da UCP estudaram nesta Universidade ou no Pontifício Instituto Bíblico, instituição consociada com a Universidade Gregoriana.

O P. José Bacelar e Oliveira, primeiro Reitor da Universidade Católica Portuguesa, doutorou-se em Filosofia na Gregoriana com uma tese intitulada *No horizonte da eternidade e do tempo*; o Sr. D. José Policarpo doutorou-se em Teologia com uma tese intitulada *Sinais dos tempos: génese histórica e interpretação teológica*”; o P. Manuel Isidro Alves doutorou-se no Pontifício Instituto Bíblico com uma tese intitulada *O cristão em Cristo: a presença do cristão diante de Deus segundo S. Paulo*; e o Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, quarto Reitor da Universidade Católica, estudou Sociologia na nossa Faculdade de Ciências Sociais.

Além dos reitores, vários professores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais e da Faculdade de Teologia estudaram na Universidade Gregoriana.

Antigos alunos da Universidade Gregoriana, então Colégio Romano, tiveram um papel de relevo na missionação portuguesa no Oriente; basta lembrar Alessandro Valignano, Roberto De Nobili, Matteo Ricci.

Chegados à atualidade, a relação fortalece-se também no outro sentido: o atual Reitor da Universidade Gregoriana fez os seus primeiros estudos na UCP, foi onze anos membro do Conselho Superior da Universidade, cinco anos Diretor da Faculdade de Filosofia de Braga e, ainda hoje, é membro do Centro de Estudos de História Religiosa. Quero aqui sublinhar que este percurso na Universidade Católica me

proporcionou uma experiência muito rica que me é de grande utilidade como Reitor da Universidade Gregoriana. Certas maneiras de proceder são, sem dúvida, inspiradas no meu percurso anterior.

Gostava, agora, de lembrar algumas datas importantes da história da Universidade Gregoriana:

1551 – Fundação, por Santo Inácio de Loiola, de uma Escola de Gramática, Humanidades e Doutrina Cristã, Grátis. A esta escola foi dado o nome de Colégio Romano.

1553 – Começa o ensino da Filosofia e da Teologia.

1556 – O papa Paulo IV concede ao Colégio Romano a faculdade de dar graus acadêmicos.

1583 – O papa Gregório XIII inaugura o novo edifício do Colégio Romano que tinha mandado construir para lhe dar uma sede condigna.

1773 – Com a supressão da Companhia de Jesus, o papa Clemente XIV entrega o Colégio Romano ao cuidado do clero da diocese de Roma.

1824 – O papa Leão XII volta a confiar o Colégio Romano à Companhia de Jesus, restaurada em 1814.

1870 – Unidade de Itália. O edifício do Colégio Romano é confiscado, os jesuítas são expulsos e transferem a atividade letiva para o Colégio Germânico, então na Via del Seminario.

1873 – O papa Pio IX decide que o Colégio Romano passe a designar-se Pontifícia Universidade Gregoriana, em homenagem ao papa Gregório XIII.

1930 – Transferência para o edifício atual, construído propositadamente para sede da Universidade sendo pontífice Pio XI.

16 papas estudaram na Gregoriana, assim como várias dezenas de santos e beatos. S. Roberto Belarmino, patrono da Universidade foi seu reitor nos finais do século XVI.

Hoje, a Pontifícia Universidade Gregoriana tem 2640 alunos e é a mais antiga e a maior do conjunto das instituições de ensino superior eclesiástico existentes em Roma: um total de 23 instituições e cerca 18.000 estudantes. O conjunto das unidades académicas é constituído por seis faculdades, dois institutos e seis centros.

Os alunos provêm de 120 países sendo os cinco mais representados a Itália, os Estados Unidos da América, o Brasil, a Índia e o México. Portugal tem atualmente 16 alunos. Quanto às línguas mais faladas, está em primeiro lugar o italiano, seguindo-se o espanhol, o inglês, o francês e o português. 78% dos nossos alunos são seminaristas, jovens sacerdotes, religiosos e religiosas; e 22% são leigos.

Interessantes também os números que se referem aos graus académicos concedidos no ano passado: 136 novos licenciados; 270 novos mestres; 103 novos doutores.

A biblioteca, que é o coração da Universidade, está a caminho de 1 milhão de volumes. Além de várias coleções, publicamos três revistas científicas: *Gregorianum*, *Periodica de re canonica* e *Archivum Historiae Pontificiae*.

Formamos uma comunidade internacional em que 53% dos alunos provêm de fora da Europa. É um espelho da evolução demográfica da Igreja Católica. A Europa diminui, África e Ásia crescem e as Américas mantêm uma certa estabilidade. É uma grande riqueza, não isenta de algumas problemáticas próprias, como são a adaptação a uma nova língua e a uma nova cultura. O desafio é que esta grande diversidade proporcione enriquecimento recíproco e não seja uma mera justaposição de grupos linguísticos e culturais. O que nos une é o amor à Igreja e a consciência de que cada um se está a preparar para uma missão específica que irá receber no seu país, na sua diocese ou no seu instituto religioso.

Une-nos, também, a vontade de responder às perguntas do mundo de hoje, com uma linguagem de hoje. Muitas perguntas são as de sempre: as perguntas sobre o sentido da vida e da existência humana. Mas não podemos negar que existem também novas perguntas. Somos hoje confrontados com novas interrogações que nos são colocadas pela evolução científica e tecnológica, pela problemática ecológica, pelas questões da família, pela complexidade do mundo económico e financeiro, pela dimensão inter-religiosa das nossas sociedades ou pela conflitualidade internacional.

Quotidianamente, somos desafiados, no nosso trabalho, pelos sonhos do papa Francisco para a Igreja. Por isso, queremos estar ao serviço de uma Igreja que seja hospital de campanha, de uma Igreja em missão, capaz de estar presente nas periferias. Estamos ao serviço de uma Igreja capaz de acompanhar os desiludidos, os feridos, os incompreendidos, quem se sente excluído, os mais pobres, quem tem necessidade de ser escutado e consolado. Estamos ao serviço de uma Igreja corajosa, forte nas suas convicções e alegre por poder apresentá-las; ao mesmo tempo, uma Igreja humilde, capaz de reconhecer as riquezas dos outros, disponível para escutar e para criar canais de encontro e de comunicação. Estamos e queremos estar ao serviço de uma Igreja que respeita quem está à procura sincera da verdade que para nós é a pessoa de Cristo ao qual queremos ser sempre fiéis.

Roma, 26 de outubro de 2017